

Evolução recente da
**ECONOMIA
NACIONAL**



2



2.1. Sector Real

2.1.1. Produção, Despesa e Actividade Económica

A DGE calculou um crescimento do PIB não petrolífero de 5,9% para 2014.

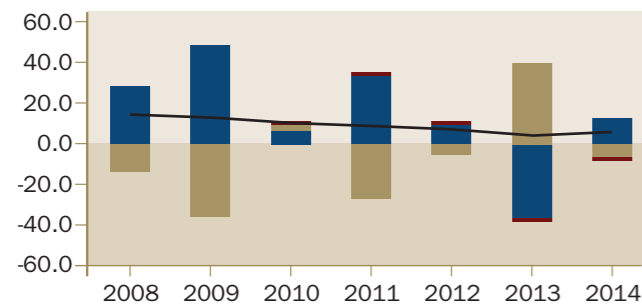
De acordo com a Direcção-Geral de Estatística (DGE), cuja última publicação das Contas Nacionais de Timor-Leste data de 2014, a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto não-petrolífero (PIB) em 2014 foi de 5,9%, em termos reais, uma aceleração de 3% relativamente a 2013. Este acréscimo decorreu maioritariamente da aceleração das actividades relacionadas com a construção e serviços da administração pública, que, com um peso combinado de 44,5% no PIB de 2014 (40,9% em 2013), registaram uma contribuição para o aumento do PIB de 6,1%. Pelo contrário, a contribuição combinada dos sectores da agricultura, tecnologias de informação e comunicação e outras actividades de serviços registaram um contributo negativo para o crescimento do PIB de 2,8%, sendo, em conjunto, responsáveis por 25,2% do produto total (29,5% em 2013).

A procura interna volta a crescer novamente em 2014, devida à subida do consumo e investimento públicos e privado

Os contributos para o crescimento do PIB, na óptica da despesa, podem ser observados no gráfico abaixo. A procura interna, depois de ter registado uma queda significativa em 2013, voltou a crescer novamente em 2014. O aumento da procura interna foi principalmente devido à subida do consumo e investimento públicos bem como do privado, que registaram acréscimos da ordem dos 3,8% e 17%, 9,8% e 60,6%, respectivamente.

Gráfico 1a

TL: Crescimento do PIB real e as suas composições; optica da despesa



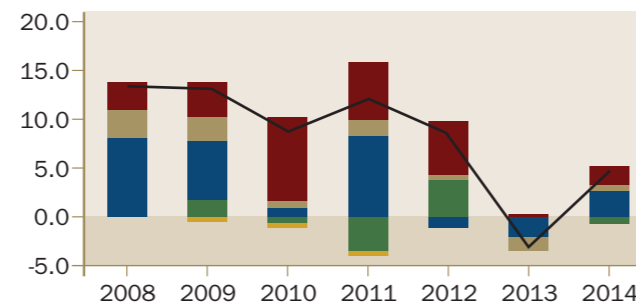
(variações percentuais anuais e contributos em pontos percentuais face ao período homólogo)

- variação de existências
- Exportações líquidas
- Procura interna
- PIB não petrolífero

Fontes: Direcção Geral de Estatística e análise BCTL

Gráfico 1b

TL: Crescimento do PIB real e as suas composições; optica da produção



(variações percentuais anuais e contributos em pontos percentuais face ao período homólogo)

- Outros serviços
- Alojamento e alimentação
- Construção
- Indústria transformadora
- Agricultura, pecuária

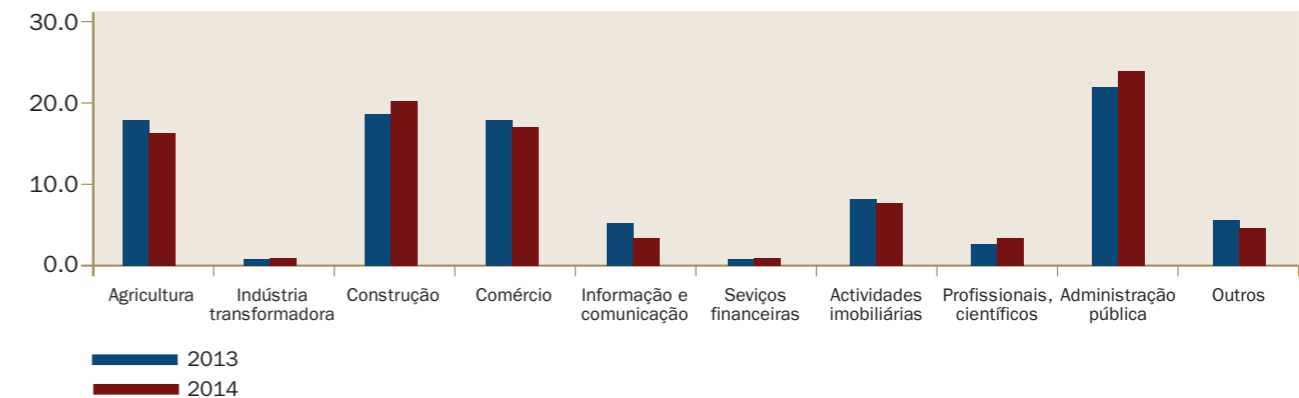
Fontes: Direcção Geral de Estatística e análise BCTL

o sector da administração pública em 2014 manteve a sua posição dominante na economia doméstica.

Em termos sectoriais, segundo o gráfico 2, a administração pública manteve a sua posição dominante na economia em 2014, ao ser responsável por 24,2% do total do PIB, seguido pelos sectores da construção (20,3%), que é também bastante dependente dos níveis de investimento público, comércio (17,3%), agricultura (16,6%, cuja importância no PIB continuou a descer), actividades imobiliárias (7,8%), indústria transformadora (0,9%) e serviços financeiros (0,8%).

Gráfico 2

TL: Estrutura do PIB por sectores (%)



Fontes: Direcção Geral de Estatística e análise BCTL

O Governo, estima, no OGE 2017, uma taxa de crescimento de 3,5% e 5,4% para 2015 e 2016

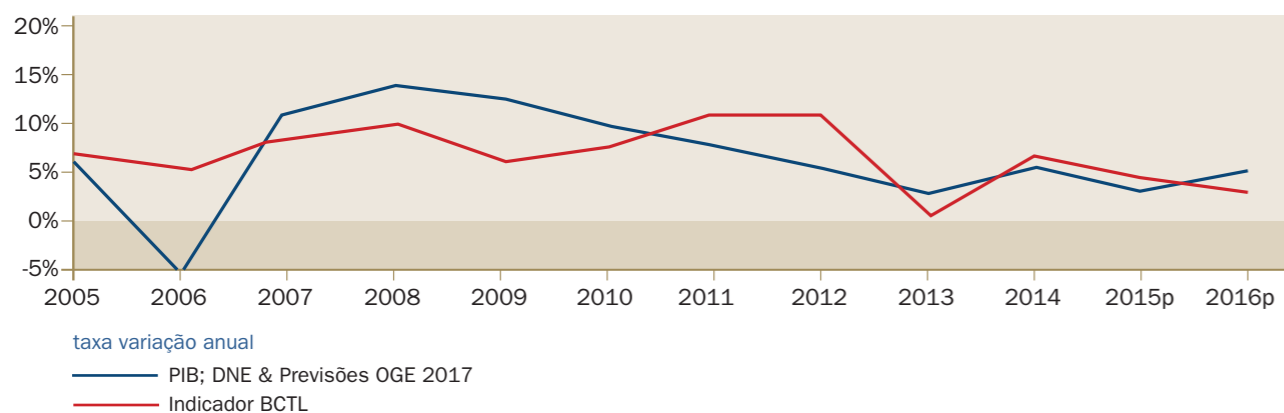
O Governo, na sua proposta de Orçamento Geral do Estado (OGE) para 2017, estima um abrandamento do crescimento do PIB para 2015 de 3,5%, e uma nova aceleração, para 5,4%, em 2016 (OGE17 - Livro 1, pg. 18).

Tendo em conta que as estimativas das Contas Nacionais anuais têm demorado cerca de 2 anos até serem divulgadas publicamente – note-se que, no início de 2017, apenas existiam dados oficiais para 2014 – o BCTL desenvolveu e utiliza um indicador de actividade económica que nos permite calcular de um modo simplista, mas em tempo útil, a evolução da economia doméstica. Este indicador utiliza toda a informação disponível relativa a um conjunto de sectores da economia nacional – importações, despesa e receita públicas, sector financeiro e actividade real – para calcular uma média simples das variações anuais de um conjunto de componentes relevantes extraído dessa base de dados. Com efeito, este indicador não pretende substituir os dados relativos às contas nacionais, mas antes complementar e permitir medir o comportamento da economia doméstica de uma forma atempada e relevante para a discussão e formação de políticas económicas adequadas.

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

Conforme se evidencia no gráfico 3, o indicador do BCTL permite-nos calcular taxas de crescimento anuais da economia para 2015 e para todo o ano de 2016, visto que existem já dados para 2016 relativos a todos os subcomponentes do indicador. Este gráfico também compara a estimativa de crescimento do nosso indicador (calculada), com as previsões de crescimento do Ministério das Finanças para 2015 e 2016, conforme reportadas no OGE para 2017.

Gráfico 3
Crescimento do PIB real e Indicador Económico

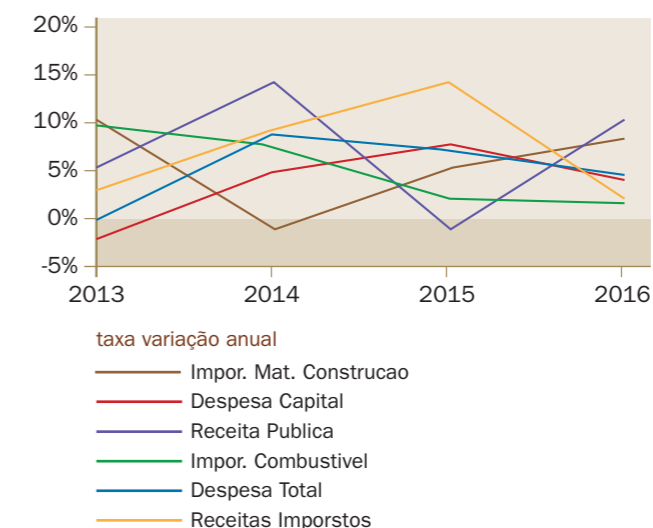


Fonte: DNE, Ministério das Finanças e BCTL

De acordo com o indicador do BCTL, a economia doméstica parece ter desacelerado em termos de crescimento em 2015 e 2016, para 4.4% e 3.2%, face ao crescimento de 7% registado em 2014. Será ainda de notar que o comportamento da economia em 2015 e 2016, medido pelo nosso indicador, se encontra em linha com as previsões inscritas no OGE de 2017, embora a previsão do MdFinanças para 2016 seja ligeiramente superior (5.4%), face ao valor apurado pelo nosso indicador de actividade (3.2%).

No sentido de melhor perceber a evolução da economia não petrolífera nacional, apresentamos ainda em baixo a performance dos vários componentes do indicador de actividade, que nos fornecem uma indicação da evolução económica dos sectores domésticos mais relevantes (e para os quais existem actualmente dados), como as Importações, as Despesas e Receitas Públicas e o sector financeiro. O gráfico 4 apresenta a taxa de crescimento de cada sub-indicador, normalizada em termos da taxa média de crescimento da economia/PIB não petrolífero.

Gráfico 4
Indicador de Actividade Económico



Fonte: DNE, Ministério das Finanças e BCTL

Conforme se pode constatar, a desaceleração do crescimento em 2015 e 2016 (linha a preto) deve-se a uma desaceleração do ritmo de expansão da generalidade dos componentes do indicador nos mesmos anos, com a excepção das importações de materiais de construção. Será ainda de destacar que, apesar do ritmo de expansão global ter abrandado ligeiramente em 2016 (3.2%), dos 4.4% de 2015, assistiu-se a uma convergência da expansão dos vários componentes em 2016, ao contrário da substancial dispersão de ritmos de expansão verificados em 2015. Esta constatação permite-nos sugerir que, apesar da ligeira desaceleração global em 2016, os vários sectores da economia apresentaram um comportamento mais uniforme e que a continuada expansão da economia nacional se tornou mais abrangente e equilibrada em termos sectoriais.

Todavia, não obstante a manutenção de taxas de crescimento positivas entre 2014 e 2016, a economia doméstica registou um abrandamento substancial face aos ritmos de expansão verificados entre 2008 e 2011 (com taxas médias de 11% ano). Se bem que parte desta desaceleração tenha resultado do abrandamento do ritmo de aumento da Despesa Pública, resultando positivamente na estabilização das pressões inflacionistas domésticas, a evolução económica dos últimos 4 anos revela também que a nossa economia continua altamente dependente das políticas e programas de despesa pública, continuando a adiar-se a concretização de um processo de desenvolvimento e de investimento liderado pelo sector privado.

O “arranque” do sector produtivo nacional é hoje particularmente necessário para fazer face aos desafios crescentes em termos da criação de emprego para a nossa jovem população e preparar o país para um cenário, a prazo, de necessidade de implementar uma redução do nível de despesa e de investimentos públicos, perante a redução substancial das futuras receitas petrolíferas e/ou dos rendimentos acumulados no Fundo Petrolífero.

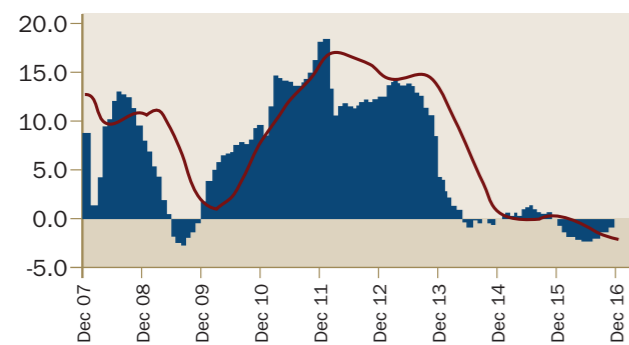
Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

2.1.2. Preços e inflação

No final de 2016, a taxa de inflação homologa anual foi avaliada em 0.1%

A inflação anual na cidade de Díli, segundo a DGE, situou-se nos 0,1% em Dezembro de 2016, correspondente a uma subida de cerca de 0,8 pp face aos -0,7%, verificados no mesmo período de 2015. Durante o ano de 2016, a taxa de inflação doméstica, calculada com base no índice de preços ao consumidor (IPC) pela DGE, manteve-se sempre negativa, com excepção de Dezembro. Em termos de médias anuais, os dados do IPC de Díli revelam que a taxa de inflação anual se manteve em 0,4% e -1,6%, em 2015 e 2016, respectivamente.

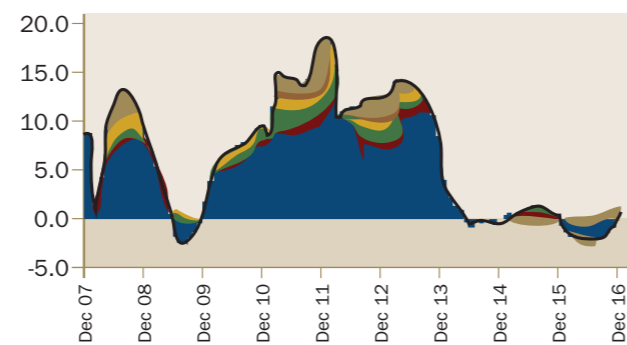
Gráfico 5
TL Inflação (Díli)



taxa de variação
 ■ inflação anual
 — inflação média

Fontes: Direcção Geral de Estatística e análise BCTL

Gráfico 6
TL Inflação (Díli)



taxa variação anual; contributos em pp
 ■ Transporte
 ■ Habitação
 ■ Bebidas alc. e tabaco
 ■ Equi. da habitação
 ■ Vestuário e calçado
 ■ Produtos Alimentares
 — Inflação total

Fontes: Direcção Geral de Estatística e análise BCTL

Quadro 1. Produtos com maior variação anual (%) - Díli

Classes de Produtos	Dez - 15	Mar - 16	Jun - 16	Set - 16	Dez - 16
Produtos Alimentares	-1.69	-1.69	-1.69	-1.69	-1.69
Bebidas alc. e tabaco	3.33	3.33	3.33	3.33	3.33
Vestuário e calçado	1.43	1.43	1.43	1.43	1.43
Habitação	-0.48	-0.48	-0.48	-0.48	-0.48
Equi. da habitação	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Saúde	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Transporte	-4.06	-4.06	-4.06	-4.06	-4.06
Comunicação	0.00	0.00	0.00	0.00	0.00
Rec. & culto.	2.07	2.07	2.07	2.07	2.07
Educação	17.70	17.70	17.70	17.70	17.70
Inflação total	-0.67	-1.91	-2.20	-1.54	0.10

Fonte: Direcção Geral de Estatística e análise BCTL

- Produtos não alimentares – com uma diminuição anual de 0.42% nos preços (+2,2% em 2015), contribuíram com -0,02 pp, amorteceu a subida da inflação alimentar em Dezembro de 2016.

A descida da inflação deveu-se à prolongada desaceleração dos níveis de inflação externa, e do abrandamento da economia nacional nos últimos anos.

O abrandamento significativo da inflação em 2016 continuou a dever-se, maioritariamente, à descida substancial da inflação externa nos últimos anos face à média da última década, decorrente da apreciação do dólar face às moedas dos parceiros económicos de Timor Leste e da descida substancial dos preços internacionais das “commodities”. A depreciação das divisas regionais resultou, assim, na diminuição do preço dos bens importados dos principais parceiros comerciais do nosso país. Este efeito foi ainda reforçado pelo abrandamento do ritmo de crescimento económico doméstico nos últimos anos, quando comparadas com elevadíssimo crescimento verificado entre 2008 e 2013.



2.2. Finanças Públicas

2.2.1. Programa Orçamental Para 2016

O Governo, previa o seu OGE para 2016 uma cobrança da receita interna da ordem de 171 milhões de USD....

O Governo, previa, no seu orçamento geral do estado para 2016, conforme foi inscrito no quadro 2, uma previsão de cobrança de receitas internas da ordem dos 171 milhões de USD. Este valor resulta num crescimento esperado da receita total de apenas 0,6%, dos quais 116 milhões de USD correspondiam a receitas fiscais, ou 68% do total da receita, traduzindo-se numa redução nominal de 7,3% deste tipo de receita relativamente a 2015 (ou 9 milhões de USD). Em termos da despesa, o montante global orçamentado para 2016 foi de 1,953 milhões de USD, dos quais 1120 milhões de USD se destinavam ao funcionamento da despesa corrente e 833 milhões de USD ao financiamento do capital de desenvolvimento (incluindo empréstimos externos), representando uma variação nominal de -4,6% e 110,5% respectivamente em relação à 2015.

Quadro 2. Orçamento do Estado e Execução

Rubricas	Milhões de USD		Taxa de variação			Taxa de Execução	
	2015	2016	2015	2016	2016		
	Realizado	Orçamen- tado	Realizado	Orçamen- tado	Realizado		
Receitas Totais	194	171	212	15.4	0.6	9.1	123.5
Receitas Fiscais	120	116	142	-3.2	-7.3	18.2	121.6
Receitas Não Fiscais	44	46	46	127.9	23.7	5.0	99.8
Receitas Retenção de Agências	7	9	8	-73.7	16.7	19.5	88.6
Outros Passivos de Longo Prazo	24	0	16	0.0	0.0	-32.0	0.0
Despesas Totais	1,340	1,953	1,617	5.1	24.4	21.1	87.6
Despesa corrente	1,067	1,120	1,073	12.3	-4.6	-1.4	95.8
Capital Dez. (inc. Empréstimo)	324	833	637	-13.6	110.5	96.7	76.4
Saldo Global antes Donativos	-1,146	-1,781	-1,406	3.6	27.3	22.9	78.9
Donativos	223	143	160	-15.2	-13.6	-8.3	111.4
Saldo Global após Donativos	-923	-1,638	-1,246	-3.3	39.1	34.9	76.1
Financiamento	1,170	1,391	1,705	-1.8	-0.6	45.7	122.6
RSE	639	545	545	1.0	-14.7	-14.7	100.0
Excesso retiradas do Fundo Pet.	640	739	1,130	541.9	7.3	76.5	152.9
Uso do saldo de caixa	-132	0	0	-129.8			
Empréstimo	24	107	30	50.6	52.9	26.9	28.2

Fonte: TL Portal da Transparência, Livro OGE no. 1, GAE e análise do BCTL

...e foi estabelecido um valor de 1,953 milhões de USD para a sua despesa total em 2016.

As receitas domésticas recebidas em 2016 atingiram os 212 milhões de USD, (+9.1% em termos anuais).

2.2.2. Execução do OGE em 2016

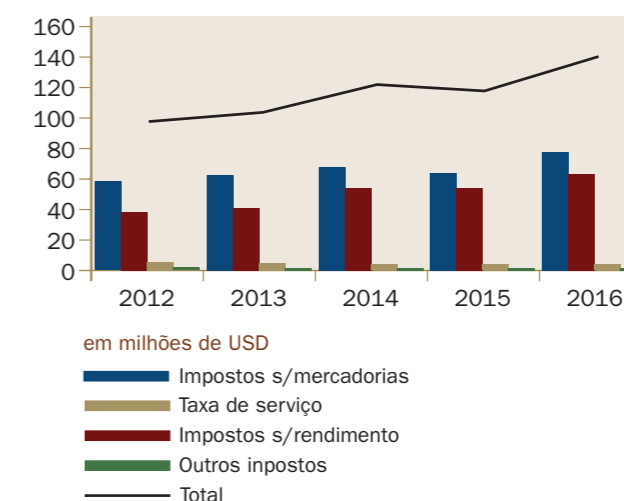
2.2.2.1. Receitas

O reforço das receitas domésticas constitui uma das principais prioridades do Governo em matéria de finanças públicas, de modo a permitir reduzir a dependência das transferências do Fundo Petrolífero (FP). Note-se que, em linha com a expansão da economia nacional, as receitas domésticas têm subido significativamente nos últimos anos. As receitas domésticas recebidas em 2016 atingiram os 212 milhões de USD, com um aumento nominal de 9,1%, o que reflectiu, principalmente, a combinação dos aumentos de: (i) 22 milhões de USD na componente fiscal, que passaram de 120 milhões de USD em 2015 para 142 milhões de USD em 2016; (ii) 2 milhões de USD nas receitas não fiscais (principalmente de taxas/"fees" e taxas de serviços), passando de 44 milhões de USD em 2015 para 46 milhões de USD; e de (iii) 1 milhão de USD das receitas de instituições autónomas do estado. Porém, o impacto do aumento das principais receitas acima referido, foi contrariado pela redução de fundos oriundos de empréstimos de longo prazo de 8 milhões de USD, de 24 milhões de USD em 2015, para 16 milhões de USD em 2016.

O gráfico 7 evidencia as variações da receita total e das suas principais componentes, designadamente, os impostos que incidem sobre o rendimento das pessoas e empresas e os impostos cobrados sobre a importação de mercadorias.

Gráfico 7

TL - Evolução das Receitas Fiscais



Fonte: TL Portal de Transparência e análise do BCTL

2.2.2.2. Despesa

A despesa efectivamente executada avaliou-se em 1.617 milhões de USD, correspondendo a uma taxa de execução global do OGE de 87,6%.

O Estado manteve uma performance quase semelhante à de 2015, ao nível da execução da despesa, tendo gasto 87,6% do OGE. O montante efectivamente gasto foi superior ao de 2015, avaliando-se em 1.617 milhões de USD, resultando num aumento nominal anual de 21,1%. Este aumento deveu-se principalmente ao acréscimo substancial do investimento público em 2016, de 96,7% relativamente

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

à 2015, passando de 324 milhões de USD em 2015 para 637 milhões de USD em 2016. O aumento do programa de investimentos públicos resultou sobretudo das alocações substanciais de financiamento ao programa de construção do porto Tibar e ao projecto de Tasi Mane e da 'Supply Base' de Suai.

Despesa Corrente

As despesas correntes, no ano de 2016, diminuíram 1,4%...

Apesar do aumento substancial da despesa pública global, o nível de despesa corrente registou um decréscimo nominal de 1,4% em 2016.

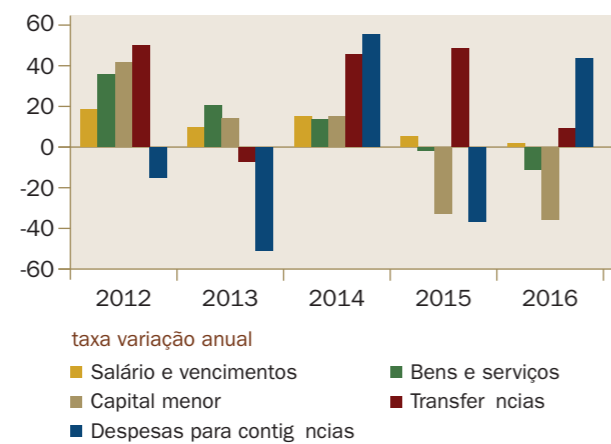
O gráfico 8 apresenta a evolução da taxa de crescimento das principais componentes da despesa corrente. A execução é calculada como a soma dos "pagamentos" e as "obrigações" assumidas para cada categoria.

... porém, continuaram a ser o principal componente dos gastos públicos, ascendendo a 62,8% da despesa total de 2016.

Note-se que as despesas correntes continuaram a ser o principal componente dos gastos públicos, ao registarem 1,073 milhões de USD, cerca de 62,8% da despesa total em 2016, contra 636,5 milhões de USD da despesa de capital de desenvolvimento (37,2% da despesa total).

Gráfico 8

TL Evolução das Despesas Correntes



Fonte: TL Portal de Transparencia e análise do BCTL

As transferências e subsídios voltaram a representar a maior posição em termos das despesas correntes (43,3%) em 2016

Os gastos correspondentes a transferências (sobretudo subsídios pessoais e institucionais) retomam a posição de maior componente dentro das despesas correntes (43,3%) em 2016, ultrapassando a despesa em bens e serviços (37%), que durante os anos anteriores ocuparam o lugar principal, seguido dos salários e vencimentos (16,2%). Note-se ainda que o aumento das transferências públicas decorreu sobretudo da alocação orçamental para o programa de desenvolvimento da região de Oecuse (217,9 milhões de USD), integrada no projeto da Zona Especial de Economia Social de Mercado – ZEESM, resultando num aumento nominal de 63,3% relativamente à 2015, representando 46,9% do total de transferências efectuadas em 2016. Por outro lado, o orçamento alocado ao programa de subsídios a ex-combatentes de libertação nacional atingiu 21% do total orçamento para a categoria de transferências, ou 5,7% do total do OGE, tendo diminuído cerca de 18,5% face ao ano de 2015, com uma taxa de execução de 97,8% face aos 95,6% de 2015.

Despesa de Capital e Desenvolvimento

As despesas em bens de capital foram orçadas em 833 milhões de USD...

O governo estimava no OGE de 2016 uma despesa global em bens de capital e de desenvolvimento no valor de 833 milhões de USD, dos quais se executaram apenas 636,5 milhões de USD, ao que corresponde uma taxa de execução de 76,4%.

... dos quais, a maior parte, 99,9%, se destinava a infraestruturas. A taxa de execução desta categoria foi 76,3%.

A maior parte (99,9%) da despesa do capital e desenvolvimento foi alocada ao programa de construção de infraestruturas, tendo-se executado apenas 76,3% do plano orçamentado, com o programa respeitante a estradas a ser responsável pela maior fatia dentro das despesas de infraestrutura, 29,5% do total orçamentado, enquanto que, em termos de execução, o respectivo peso atingiu 82%, seguido de portos e estradas e pontes, com um peso de 16% e 11,8% do orçamentado e uma taxa de execução 100%.

O quadro 3 sintetiza a informação sobre os programas existentes ao nível do Fundo das Infraestruturas (FI) de valor superior a 5 milhões de USD, incluindo a respectiva dotação orçamental e o montante efectivamente gasto durante o ano de 2016.

Quadro 3. Detalhes do Orçamento de Infraestrutura (milhões USD)

Classes de Produtos	Orçamento	Obrigações	Real	Execução %
Total	1,952.79	92.28	1,617.38	87.5
Capital de Desenvolvimento	833.07	69.66	566.87	76.4
Infraestrutura	832.33	69.46	565.25	76.3
Estradas	245.4	31.8	169.4	82.0
Portos	133.2	0.6	132.6	100.0
Estradas e Pontes	98.0	8.4	89.6	100.0
Petrolio e Gas	75.0	0.1	4.8	6.6
Energia Eléctrica	65.6	3.1	55.0	88.5
Aeroportos	55.1	2.0	20.7	41.3
Agencia Desenvolvimento Nacional	27.8	6.8	19.5	94.2
Programa Sector das Finanças	26.7	3.9	22.8	100.0
Plano Mestre	15.6	0.2	0.5	4.1
Programa de Empréstimos	15.1	-	6.8	44.9
Direcção Nacional de Orçamento e Finanças	11.3	3.5	6.6	89.1
Edifício Pública	8.7	0.6	3.0	40.6
Habitação	8.5	-	8.5	100.0
Esgotos	5.0	-	-	0.0

Fonte: Portal de Transparência de Timor-Leste

O primeiro ponto relevante diz respeito à diminuição da taxa de execução do FI em 2016, para 76,3% face à taxa de 81,1%, registada em 2015. Repare-se que, se calcularmos a taxa de execução apenas com os valores efectivamente pagos, então esta baixou para 67,9%, uma taxa praticamente idêntica à do ano anterior de 68,8%.

... ou apenas 32,5% do total orçamento

O segundo ponto a salientar é o facto de que, pese embora o orçamento de Estado alocado ao FI representar 42,6% do total da despesa orçamentada (26,4% do OGE de 2015), as despesas efectuadas foram de 32,5% do total executado, logo superiores à importância das despesas efectuadas ao nível do FI em 2015 (21,4%).

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

2.2.2.3. Saldo Orçamental e Fontes de Financiamento

O Governo previa para 2016 um valor de transferências do FP de 1.284 milhões de USD para o financiamento do OGE...

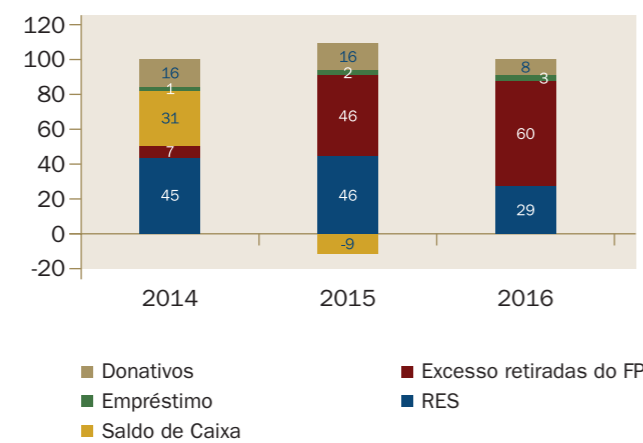
... dos quais apenas 545 milhões de USD correspondem ao rendimento sustentável estimado (RSE)

O Governo de Timor-Leste previa no seu programa orçamental para 2016, mesmo depois de este ter sido ratificado, um défice global antes de doações de cerca de 1.781 milhões de USD, que seria financiado com recurso a: doações de 143 milhões de USD; empréstimos externos no valor de 107 milhões de USD; e transferências do Fundo Petrolífero (FP) no valor de 1.284 milhões de USD. No que se refere a fundos provenientes do FP, 545 milhões de USD correspondem ao rendimento sustentável estimado (RSE) do FP e o saldo remanescente de 739 milhões de USD, a uma redução efectiva do capital do FP, dado que excede o respectivo RSE. Efectivamente, o défice global antes de doações fixou-se em 1.406 milhões de USD em 2016.

Na sua execução orçamental o Governo recorreu-se às seguintes fontes para o financiamento do défice: (i) Doações no valor de 160 milhões de USD, (ii) Empréstimos Externos no valor de 30 milhões de USD, e transferências do FP no valor total de 1.675 milhões de USD.

Gráfico 9

TL: Fontes de Financiamento do Déficit



Fonte: TL Portal da Transparência, Livro OGE no. 1, GAE e análise do BCTL

Em 2016 o excesso de levantamentos acima do RSE do FP foi muito maior, ascendendo a 60% do défice público.

A análise da evolução do défice e da sua estrutura de financiamento mostra que a maior parte do défice foi financiado por transferências do FP desde 2014, notando-se que em 2014, o valor “em caixa” foi utilizado para financiar o orçamento. No entanto, nos últimos dois anos o efectivo da retirada do FP foi superior a 100% do défice, cerca de 111,5 e 119% (em 2015 e 2016) respectivamente. Pela negativa, note-se ainda que, em 2016, a redução do capital do FP (levantamento acima do RSE) foi muito superior face a 2015, tendo financiado 60% do défice de 2016, o que resultou do aumento das despesas com o programa de desenvolvimento do porto Tibar e o projecto de Tasi Mane e “Supply Base” de Suai, efectuado aquando da ratificação do OGE de 2016.

Estas observações permitem constatar a continuidade da enorme dependência dos orçamentos de Estado relativamente ao financiamento com origem nas receitas petrolíferas ou, mais especificamente, das transferências originárias do Fundo Petrolífero, num valor que excede substancialmente o rendimento sustentável do Fundo.

2.3. Sector Monetário e Cambial

2.3.1. Base Monetária (BM)

A Base Monetária diminuiu em 2016 cerca de 122 milhões de USD (57,2%)

A Base Monetária, que é uma das variáveis determinantes em termos de política monetária, diminuiu em 2016 cerca de 122 milhões de USD (57,2%), dos quais 124,4 milhões de USD (61,9%) na forma de depósitos bancários em USD no BCTL (principalmente relativos a contas da liquidação dos bancos junto do BCTL) e 2,4 milhões de USD na forma de numerário fora do banco central, cujo valor se estima, no final de Dezembro de 2016, em 91,2 milhões de USD.

Entre as causas da diminuição dos depósitos dos bancos comerciais junto do BCTL no período em análise, salienta-se o impacto da redução de fundos necessários para fazer face à actividade da câmara de compensação do R-Timor, o novo sistema de pagamentos nacional criado em 2015.

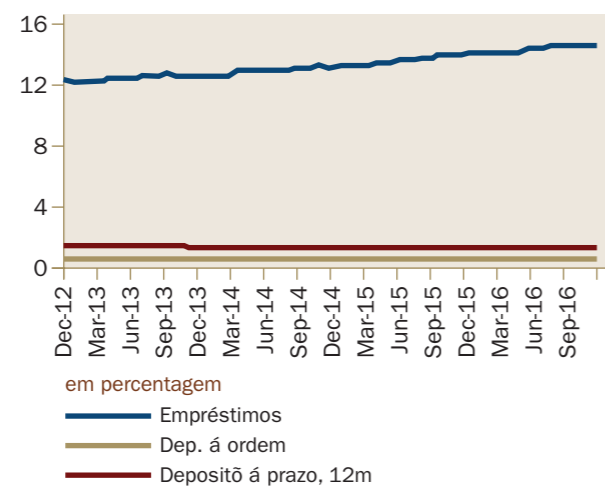
2.3.2. Taxas de Juro

Em 2016 a taxa de juro dos empréstimos bancários ao sector privado aumentou em 0,6 pb para 14,5%.

O nível das taxas de juro médias ponderadas dos empréstimos continuam a ser relativamente elevadas, se comparadas com as do país emissor da moeda corrente no nosso país, o dólar dos Estados Unidos. De facto, a teoria económica diz que quando um país pequeno adopta como sua a moeda de um país grande as taxas de juro num e noutro tendem a convergir. Em Timor-Leste tal não se verifica, sobretudo para as taxas de juro do crédito, por diversas razões, sendo a principal o risco do negócio bancário, que inclui o risco de crédito de incumprimento dos devedores domésticos e o próprio risco do país.

Gráfico 10

TL: Taxas de Juro dos Empréstimos e dos Depósitos



Em 2016, as taxas de juro dos empréstimos bancários ao sector privado aumentaram em 0,6 pb, conforme se pode observar no gráfico 10, para 14,5%. Pelo contrário, a taxa média paga pelos depósitos reduziu-se, no mesmo período, em 0,01 pb, fixando-se nos 0,90%, o que fez com que o “spread” (diferencial) entre as taxas activas e passivas aumentasse em 0,74 pb, para 13,32% em Dezembro de 2016.

Quadro 4. Taxa de juro média ponderada dos Bancos Comerciais (Em percentagem)

Período	Empréstimos + 6 meses Libor	Depósitos a Ordem	Depósitos de Poupança	Depósitos a Prazo				
				1 mês	3 meses	6 meses	12 meses	
2016	Jan	13.93	0.53	0.75	0.77	1.00	1.15	1.25
	Fev	13.92	0.52	0.75	0.76	0.99	1.14	1.24
	Mar	13.94	0.52	0.75	0.76	1.00	1.14	1.25
	Abr	14.03	0.52	0.75	0.76	1.00	1.14	1.25
	Mai	14.03	0.53	0.75	0.76	1.00	1.13	1.25
	Jun	14.29	0.54	0.75	0.76	1.00	1.13	1.24
	Jul	14.28	0.54	0.75	0.76	0.99	1.13	1.24
	Ago	14.42	0.53	0.75	0.76	0.99	1.13	1.24
	Set	14.46	0.54	0.75	0.75	0.99	1.13	1.24
	Out	14.45	0.53	0.75	0.76	1.00	1.13	1.25
	Nov	14.50	0.53	0.75	0.76	1.00	1.13	1.24
	Dez	14.46	0.54	0.75	0.76	1.00	1.14	1.25

Fonte: BCTL



Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

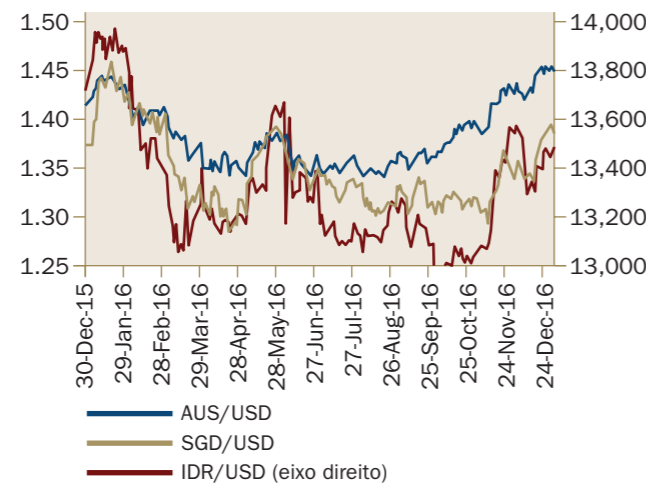
O dólar norte americano continuou a apreciar-se em relação às principais moedas dos parceiros comerciais do país.

2.3.3. Taxa de Câmbio

O dólar norte americano, a moeda oficial de Timor-Leste, registou uma ligeira depreciação face às divisas dos principais parceiros económicos ao longo do primeiro semestre de 2016, mas retomou a tendência de apreciação dos últimos 3 anos no segundo semestre do ano, conforme pode-se observar no gráfico 11. No conjunto do ano, o dólar apreciou-se em 5,2% face à rupia Indonesia, o principal parceiro de comércio de Timor-Leste.

Gráfico 11

TL: Taxas de Câmbio Nominais



Fonte: Bloomberg

Sendo o nosso país altamente dependente da importação de bens e serviços para satisfazer a procura doméstica, a apreciação do dólar contribui para conter os preços de produtos importados e, por sua vez, estabilizar a inflação doméstica.

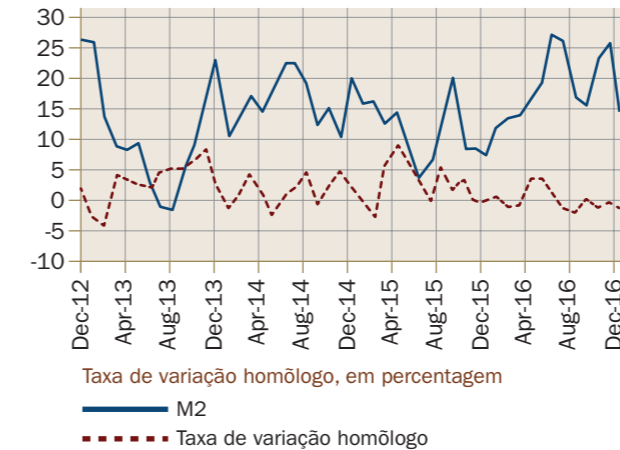
2.3.4. Massa Monetária

A compilação de estatística monetária e financeira permite analisar o desenvolvimento e mudanças no sistema monetário e financeiro do país.

O desenvolvimento do sector financeiro desempenha um papel vital no sentido de facilitar o crescimento económico e a redução da pobreza. A compilação e análise de estatísticas monetárias e financeiras permitem aferir o desenvolvimento e mudanças no sistema monetária e financeiro de um país. O Banco Central de Timor-Leste tem vindo a recolher e a compilar estas estatísticas com o objetivo de adquirir uma visão abrangente e detalhada dos sectores financeiros de Timor-Leste, a fim de apoiar o BCTL nas funções macro prudenciais e de condução da política monetária. Contudo e até à data, o BCTL ainda não dispõe de instrumentos de política monetária visto que o nosso país continua a utilizar como moeda oficial uma divisa estrangeira, o dólar norte-americano.

Gráfico 12

O crescimento do agregado monetário

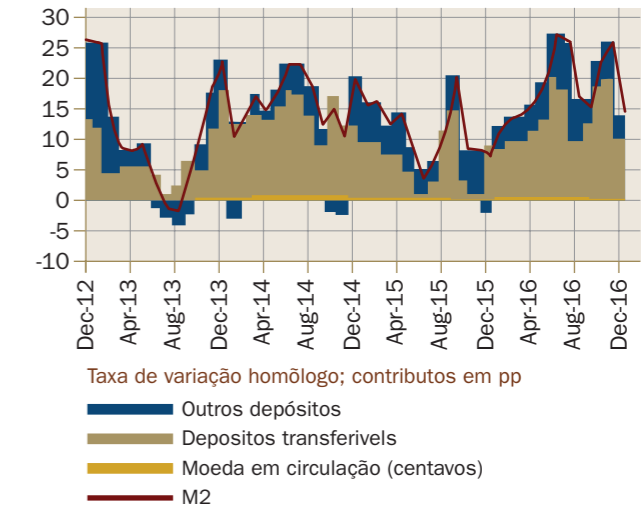


Fonte: BCTL

Embora Timor-Leste seja uma economia “dolarizada”, é possível ao BCTL calcular razoavelmente a massa monetária M2.

Gráfico 13

M2 e os seus componentes



Fonte: BCTL

Embora Timor-Leste seja uma economia “dolarizada”, é possível ao BCTL calcular razoavelmente a massa monetária agregada (o agregado M2,) que na maior parte dos países se usa como uma medida da disponibilidade de meios de pagamento, excepto a moeda em circulação. Como é habitual, a massa monetária em Timor-Leste é calculada pela soma da notas e moeda em circulação com os depósitos à ordem (que, como a parcela anterior, podem ser mobilizados imediatamente para efectuar pagamentos através de cheques) e a “quase-moeda” (os depósitos de poupança e prazo), valores que podem ser mobilizados a relativamente curto prazo para efectuar pagamentos.

No gráfico 12 e 13, apresenta-se a evolução da massa monetária, o M2 aproximado para Timor-Leste, ao longo do período de 2012 a 2016. Note-se que os valores são aproximados pois que, como o país usa o dólar norte americano, é difícil calcular com exatidão o valor das notas e moedas em circulação. Porém, como esta deve constituir uma percentagem pequena e estável dos valores disponíveis para pagamentos, o M2 aproximado - o total das moedas, depósitos e quase-moeda - serve, razoavelmente, para medir o montante de moeda na economia nacional.

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

O saldo do M2 ascendeu a 733.9 milhões de USD no final de Dezembro de 2016 – um aumento de 91.5 milhões de USD (14%)

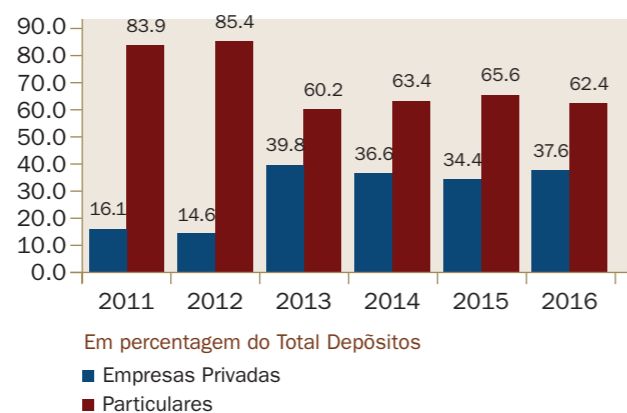
O saldo do M2 assim calculado ascendia a 733.9 milhões de USD no final de Dezembro de 2016 – aumento de 91.5 milhões de USD (14%) em relação ao mesmo período de 2015 o que se deve, naturalmente, à expansão da actividade económica doméstica, estimulada pela despesa pública. É ainda importante analisar a evolução das componentes da massa monetária, conforme se pode observar no gráfico 13, do qual se constata o seguinte:

- Os depósitos totais foram determinantes no aumento da massa monetária, com um fluxo de 89,1 milhões de USD (aumento de 14,1%), enquanto as notas e moedas em circulação cresceram 2,4 milhões de USD (19,4%);
- Em termos de denominação, a componente de depósitos em moeda nacional (USD) cresceu em 89,2 milhões de USD (14,2%) e os depósitos titulados em moeda estrangeira diminuíram em 93 mil USD (-16,5%).
- Quanto à sua titularidade por sector institucional, conforme se pode observar no gráfico 14, constata-se que 62,4% de depósitos são detidos por particulares e 37,6% por empresas privadas.

Os depósitos totais foram determinantes no aumento da M2, com um fluxo de 89,1 milhões de USD (+ 14,1%),

Gráfico 14

Peso dos Depósitos por Titularidade



Fonte: BCTL

A despesa pública foi o principal determinante da expansão monetária em 2016

De acordo com o quadro 5 em baixo, a variação dos depósitos do Estado no valor de 76,856 milhões foi a principal fonte de expansão monetária em 2016, a par do aumento dos activos externos líquidos, no valor de 76,165 milhões de USD, um valor abaixo do incremento de 258,837 milhões de USD de 2015 Em Timor-Leste, o aumento de activos externo líquidos reflecte o acréscimo da aplicação dos recursos financeiros do país no exterior.

Quadro 5. Principais factores de variação da Massa Monetária (M2)

Em milhões de USD

	Fluxo Anual 2015	Fluxo Anual 2016
Crédito à Economia	20.101	-3.909
Governo	-131.753	-76.855
Reclamações do BCTL	-0.001	0.001
Depósitos	131.752	76.856
Activos Externo Líquidos	258.837	76.165
Outros liq.	105.133	-96.103
M2	42.553	91.504

Fonte: BCTL

2.3.5. Crédito à Economia

O endividamento do sector privado junto ao sistema bancário reduziu-se em 10,2 milhões de USD (-5,3%)...

Em 2016, o endividamento directo do sector privado junto do sistema bancário de Timor-Leste reduziu-se em 8,216 milhões de USD (-4,3%), para um saldo de 182,503 milhões de USD, conforme se pode verificar no quadro 6.

Quadro 6. Evolução do Crédito à Economia

Em milhões de USD

Sector	Saldo		Variação		contributos em pontos percentuais	Peso (%)
	Dez - 15	Dez - 16	Nominal	%		
Agricultura, Água e Florestas	8.505	3.949	-4.556	-53.6	-2.4	2.2
Indústria e fabricação	2.711	2.474	-0.237	-8.7	-0.1	1.4
Construção	53.861	48.619	-5.242	-9.7	-2.7	26.6
Transportes e Comunicação	13.263	2.070	-11.193	-84.4	-5.9	1.1
Comércio e Finanças	17.396	32.978	15.582	89.6	8.2	18.1
Turismo e Serviço	13.292	17.721	4.429	33.3	2.3	9.7
Particulares	81.691	74.692	-6.999	-8.6	-3.7	40.9
Total	190.719	182.503	-8.216	-4.3	-4.3	100.0

Fonte: Bancos Comerciais e análise de BCTL

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

... a diminuição mais expressiva ocorreu no sector de transporte e comunicações: -12.7 milhões de USD (-86,0%)

A análise da evolução de crédito à economia em 2016 mostra que a diminuição mais expressiva ocorreu no sector de transporte e comunicações, cujo crédito se reduziu em cerca de 11,19 milhões de USD (-84,4%), seguido dos particulares (-6.99 milhões de USD ou -8,6%), construção (5.24 milhões de USD ou -9,3%), e agricultura e industria (4.56 milhões de USD ou -53,6% e 237 mil USD ou -8,7%) respectivamente. Porém, o aumento do crédito ao sector de comércio e finanças e ao Turismo amorteceu a diminuição do total crédito no período, registando estes sectores um aumento de 15.58 milhões (89,6%) e 4.43 milhões de USD (33,3%), respectivamente, em 2016.

Os empréstimos de fraca qualidade tem vindo a reduzir-se nos últimos anos: representavam apenas 15% do crédito concedido no final de 2016

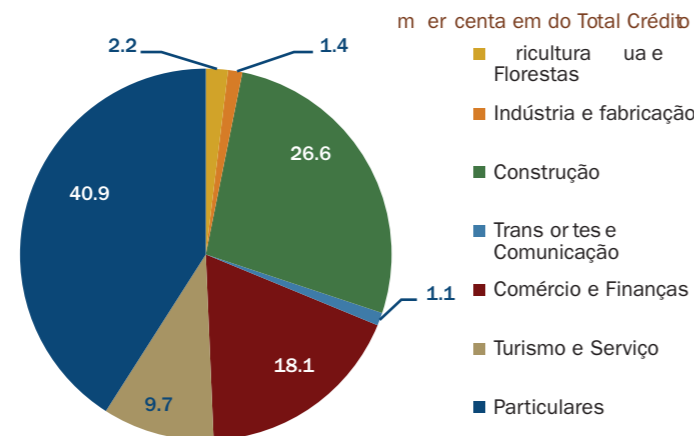
Para além da “quantidade” dos empréstimos importa analisar também a sua “qualidade”. Um indicador desta é o montante de “crédito de cobrança duvidosa”. No caso do sistema bancário de Timor-Leste, o montante desses empréstimos de fraca qualidade reduziu-se nos últimos anos: para 15% do total de crédito concedido no final de 2016 face aos 27% e 23% em 2014 e 2015 respectivamente. Porém, as instituições bancárias continuam bastante robustas em termos da sua capacidade de fazer face a este tipo de créditos de fraca qualidade, visto que o valor das provisões para risco de credito já constituídas é mais do que suficiente para cobrir estas perdas, ascendendo a 22% do crédito concedido no final de 2016.

De facto, a dimensão substancial este crédito de cobrança duvidosa tem sido um dos factores justificativos da dificuldade na expansão do crédito bancário em Timor Leste. Assim sendo, o valor agregado do credito tem-se mantido em níveis muito inferiores aos dos depósitos captados, fornecendo à banca comercial um excesso de liquidez que tende a ser aplicada preferencialmente pela banca em depósitos no estrangeiro.

Os empréstimos a particulares são a parcela mais importante do credito bancario, com 40,9% do total.

Em termos de composição do credito, os empréstimos a particulares continuam a ser a maior parcela, com 40,9% do total, seguido pela construção (26,6%), e comércio e finanças (18,1%). Os sectores da agricultura e industria, dois importantes sectores para o desenvolvimento económico do País, representam apenas 2,2% e 1,4% do total de empréstimos concedidos.

Gráfico 15
Crédito por Sector de Actividade - Dez 2016



Fonte: BCTL

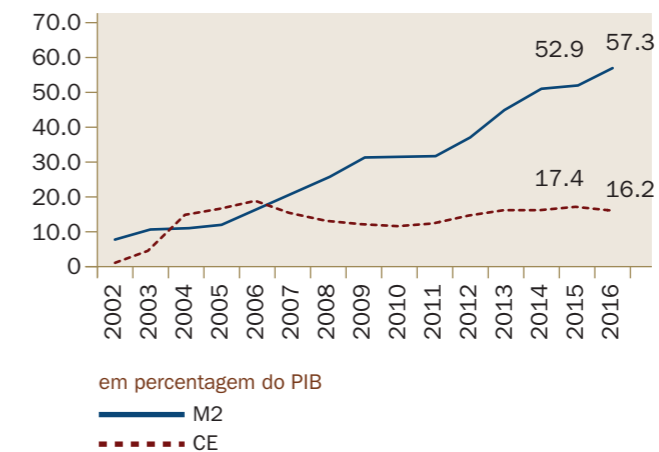
O rácio M2/PIB aumentou cerca de 444 pontos base, para 57,3 % ...

... enquanto, o rácio de crédito à economia/PIB se situou em 16,2%,

2.3.6. Indicadores de Aprofundamento Financeiro

O grau de aprofundamento financeiro, em 2016, também conhecido por grau de monetização da economia, pode ser medido com recurso ao rácio do M2 sobre o PIB. Este rácio aumentou 4.4% em 2016, para 57,3%. Por outro lado, outro indicador, o rácio de crédito sobre o PIB situou-se em 16,2%, descendo 1.2% em 2016.

Gráfico 16
O crescimento do agregado monetário



Fonte: DGE, MoF Livro 1 OGE 2017 e BCTL análise

2.4. Sector Externo

2.4.1. Reservas Internacionais Líquidas (RIL)

O saldo das reservas internacionais líquidas, no final de 2016, registou uma diminuição de 161 milhões de USD.

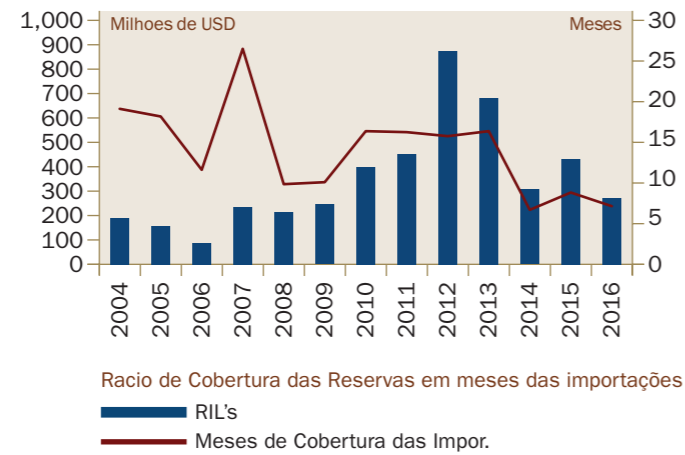
As RIL correspondem a 7,2 meses de cobertura de importação de bens

No final de 2016, o saldo das reservas internacionais líquidas fixou-se em 267 milhões de USD, correspondendo a uma descida de 157 milhões de USD no ano, depois do aumento de 127 milhões de USD em 2015. Este saldo corresponde a 7,3 meses de cobertura de importação de bens (8,8 meses em 2015).

O decréscimo das RIL do país em 2016 deveu-se, sobretudo, à diminuição de outros depósitos no montante de 148,9 milhões de USD, especialmente do investimento overnight, e de divisas/do saldo de caixa do BCTL (caixa forte e caixa de depósito bancário) no valor de 10,4 milhões de USD. Estas componentes, em conjunto com os diversos recebimentos e pagamentos ordenados pelo Estado e o levantamento de recursos do Fundo Petrolífero a favor da conta do Estado junto ao banco central (1,245 milhões de USD em 2016) determinaram a evolução das reservas internacionais do país.

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

Gráfico 17
Reservas Internacionais Líquidas



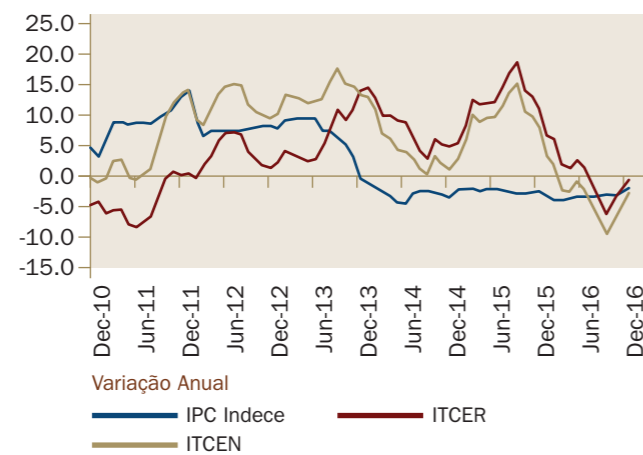
Fonte: DGE e BCTL

2.4.2. Índice de Taxa de Câmbio Efectiva Real

O ITCER depreciou, em termos anuais, 0,7% em 2016

O Índice de Taxa de Câmbio Efectiva Real (ITCER) – um indicador que é utilizado para a avaliação da competitividade do país em termos de produtos nacionais transaccionáveis – depreciou-se 0,7% em 2016, após uma apreciação de 11,0% em 2015 (gráfico 18).

Gráfico 18
Índice de Taxa de Câmbio Efectiva Real



Fonte: Bloomberg e BCTL análise

Esta evolução foi, por sua vez, determinada pela depreciação registada pelo Índice de Taxa de Câmbio Efectiva Nominal (ITCEN) em 2,7%.

Em termos bilaterais, face à moeda da Indonésia e Austrália, o ITCER depreciou, em 5,9% e 2,6% respectivamente

Em termos bilaterais, especificamente face às divisas da Indonésia e Austrália, dois dos principais parceiros comércio do país que compõem o índice, registou-se uma depreciação real de 5,9% e 2,6% respectivamente, em comparação com a apreciação de 7,2% e 11,5% em 2015 (gráfico 19).

Gráfico 19
Índice de Taxa de Câmbio Efectiva Real



Fonte: Bloomberg e BCTL análise

A exportação de café continua a ser a principal, e quase única, exportação do nosso país, Timor-Leste. Contudo, os preços internacionais continuam a ser o determinante mais forte do preço deste tipo de exportação, visto que os respectivos volumes exportados são fracamente influenciados pela evolução destas taxas de cambio efectivas. Contudo, uma vez que a nossa economia continua a ser altamente dependente das importações para satisfazer a procura agregada doméstica, a depreciação destes indicadores cambiais deverá traduzir-se na redução dos preços dos bens importados no mercado nacional e, conseqüentemente, das respectivas desaceleração inflacionistas.



2.5. Balança de Pagamentos

O saldo das contas externas de Timor-Leste continuou a agravar-se em 2016

O saldo das contas externas de Timor-Leste continuou a deteriorar-se em 2016, reflectindo o ligeiro aumento do défice da conta corrente (que exclui outros rendimentos primários) de 747 milhões de USD, o equivalente a 58% do PIB de 2016 (projectão), menos 3% face a 2015. Adicionalmente, o défice conjunto das contas correntes e de capital em 2016, que determina a necessidade global líquida de financiamento externo da economia Timorense, diminuiu em 0.33%, para 56% do PIB.

... reflectindo a deterioração do défice da conta corrente (que exclui outros rendimento primário) para 921 milhões de USD

Naturalmente, e por uma questão de equilíbrio contabilístico, este elevado défice das contas corrente e de capital teve que ser financiado por um saldo equivalente, mas de sinal contrario, na conta financeira. Em termos de fontes de financiamento do défice externo salienta-se a importância dos recursos relativos a participações no capital e investimento directo estrangeiro, depósitos do sistema bancário aplicados no estrangeiro, e ao investimento público (do fundo petrolífero) no exterior. Contudo, a necessidade de fazer face aos pagamentos para o exterior durante 2016, resultaram na redução global das reservas internacionais do país para 156 milhões de USD (12,2% do PIB).

Quadro 7. Balança de Pagamentos

	Milhões de USD			% PIB	
	2015	2016	Var %	2015	2016
Conta Corrente exclui Outros Rendimento Primário	740	747	0.9	-60.9	-58.3
Conta Corrente	238.7	523.0	-319.1	19.6	-40.8
Conta Parcial de Bens	634.9	538.6	-15.2	-52.2	-42.1
Conta Parcial de Serviços	579.9	526.5	-9.2	-47.7	-41.1
Conta Parcial de Rendimentos Primários	1,289.8	543.1	-57.9	106.1	42.4
Conta Parcial de Rendimentos Secundários	164	1	-100.6	13.5	-0.1
Conta Capital	29	30	3.0	2.4	2.3
Conta Financeira	29	499	1644.2	2.4	39.0
Investimento Directo	30	7	-123.7	2.5	-0.6
Investimento de Carteira	151	704	366.9	12.4	55.0
Outro Investimento	152	197	29.5	-12.5	-15.4
Erros e Omissões Líquidos	77	150	-296.0	-6.3	11.7
Saldo Global	296	6	-97.9	24.4	0.5
Activos de Reserva	220	156	-28.8	-18.1	-12.2

Fonte: BCTL

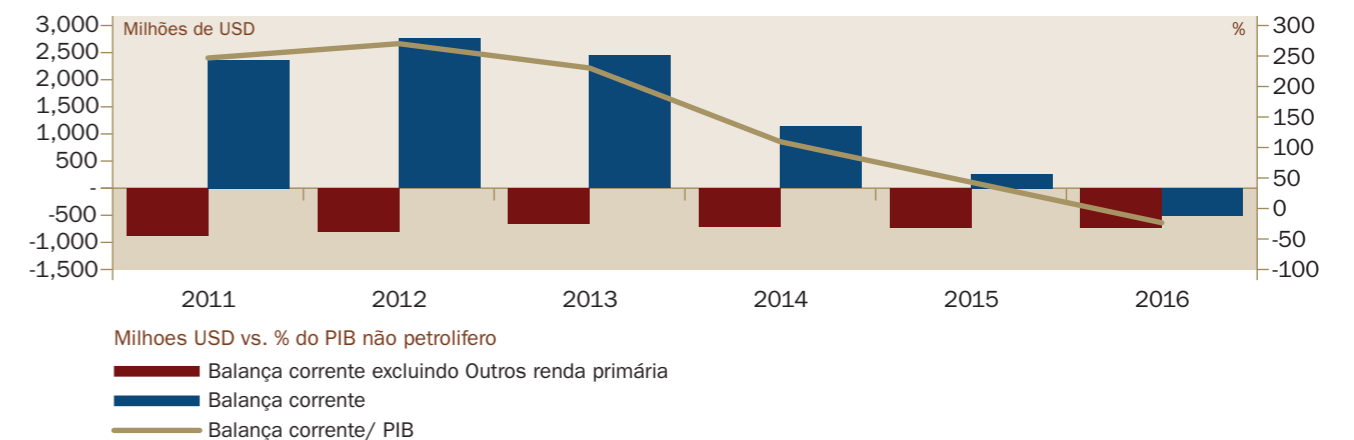
2.5.1. Conta Corrente

A persistente redução do rendimento do Mar de Timor e os elevados níveis de importações são os principais determinantes da deterioração do défice da conta corrente

Os dados provisórios relativos a transacções comerciais entre Timor-Leste e os seus parceiros em 2016, permitiram-nos apurar um défice corrente de 523 milhões de USD (incluindo outros rendimentos primários), ou cerca de 41% do PIB não petrolífero. Este saldo representa um agravamento do défice em 319%, ou de 762 milhões de USD relativamente a 2015. A persistente redução do rendimento dos recursos explorados no Mar de Timor (os impostos e royalties) e a manutenção dos elevados níveis de importações de bens e serviços são os determinantes principais da deterioração de défice da conta corrente da balança de pagamento de Timor-Leste ao longo dos últimos anos. Contudo, pela primeira vez e de uma forma negativa, a conta corrente (incluindo outros rendimentos primários - receitas petrolíferas) registou um défice global em 2016.

Gráfico 20

TL BdP Conta Corrente



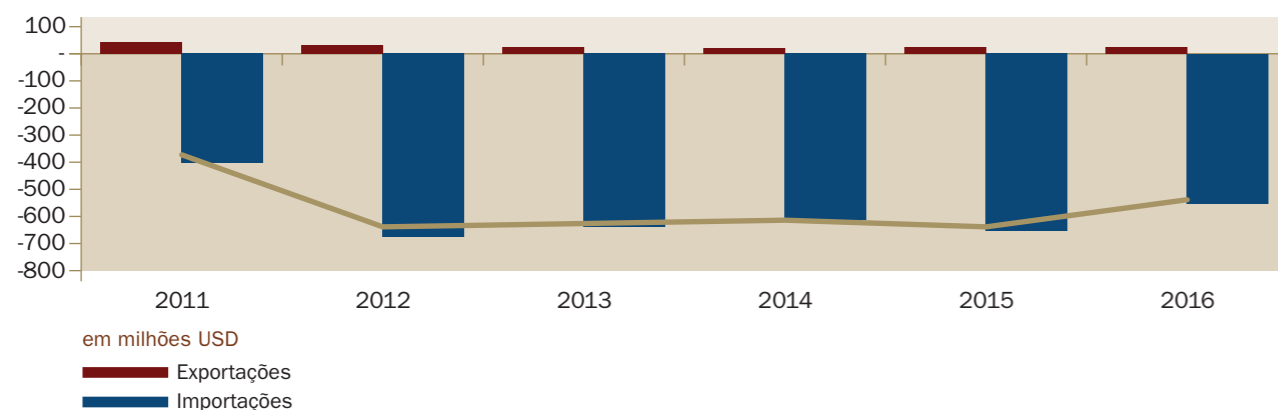
Fonte: BCTL



Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

Gráfico 21

Conta Parcial de Bens



Fonte: BCTL

2.5.1.1. Conta de Bens

No ano em apreço o saldo devedor líquido da conta parcial de bens foi de 538.6 milhões de USD, tendo melhorado 15.2 pp em relação a 2015. Esta melhoria foi explicada pelo um aumento de 11,1% das exportações para 20 milhões de USD, mas, sobretudo, pela desaceleração das despesas com a importação de bens em 14,4%, para 559 milhões de USD em 2016.

Exportações de Bens

Como é sabido, a quase única exportação do país — pelo menos aquela que é sistematicamente registada pelos serviços oficiais de estatística — é o café. A exportação do café é marcada por uma forte sazonalidade, concentrando-se quase exclusivamente no segundo semestre de cada ano, após a realização da colheita. O valor do café exportados em 2016 aumentou 17.7% face a 2015, para 18.1 milhões de USD¹, o equivalente a 1.4% do PIB, (aumento de 0.15%). O principal destino das nossas exportações de café durante o ano de 2016 continua a ser os E.U.A., que, com um peso de 39,4%, recebeu 7.1 milhões de USD de produto (quadro 8) (+4.3%).

¹ Antes de o ajustamento na balança de pagamento

Quadro 8. Exportações por países

	Milhões de USD			% PIB	
	2015	2016	Var %	2015	2016
Estados Unidos de América	6.845	7.143	4.3	0.56	0.56
Indonésia	0.368	0.269	(26.8)	0.03	0.02
Portugal	0.376	0.283	(24.7)	0.03	0.02
Australia	0.732	0.470	(35.8)	0.06	0.04
Alemanha	3.181	3.309	4.0	0.26	0.26
Taiwan	0.248	0.094	(61.9)	0.02	0.01
Japão	0.248	0.574	131.8	0.02	0.04
Outros	3.404	5.986	75.8	0.28	0.47
Total	15.402	18.128	17.7	1.27	1.42

Fonte: DGE e BCTL análise

Importações de Bens

Em 2016, registou-se um decréscimo das despesas com a importação de bens de 15,2% para 554 milhões de USD².

Os principais produtos importados pelo país são os derivados do petróleo, seguidos dos veículos e máquinas mecânicas. Os bens energéticos representaram cerca de 19% do total de importações em 2016, tendo diminuído 32,6% para um sub-total de 84,7 milhões de USD.

Os cereais, que, por sua vez, representam apenas 6,5% do total das mercadorias importadas, registaram um acréscimo de 38,3% face o ano de 2015. O aumento do valor de importações deste tipo de produto deveu-se ao declínio no preço dos mesmos cereais, sobretudo devido à depreciação das moedas dos parceiros comerciais em relação ao dólar. A estrutura geográfica das importações e respectiva evolução figuram no quadro 9.

² Depois de ajustamento na balança de pagamento

Quadro 9. Importações por países

	Milhões de USD			% PIB		
	2015	2016	Var %	Peso	2015	2016
Indonesia	191.48	136.78	-28.6	30.7	15.8	10.7
Australia	17.61	11.48	-34.9	2.6	1.4	0.9
Singapura	105.27	51.99	-50.6	11.7	8.7	4.1
Viet Nam	37.06	26.87	-27.5	6.0	3.0	2.1
Portugal	9.80	8.41	-14.2	1.9	0.8	0.7
Thailandia	13.74	10.38	-24.5	2.3	1.1	0.8
Malaysia	41.15	10.91	-73.5	2.4	3.4	0.9
Japão	7.95	5.74	-27.9	1.3	0.7	0.4
China, República popular	65.36	88.08	34.8	19.8	5.4	6.9
Hong Kong	42.59	52.17	22.5	11.7	3.5	4.1
Korea, República da	8.46	8.94	5.6	2.0	0.7	0.7
Brasil	8.91	9.66	8.4	2.2	0.7	0.8
Outros	31.37	24.53	-21.8	5.5	2.6	1.9
Total	580.76	445.91	-23.2	100	47.8	34.8

Fonte: DGE e BCTL análise

Os principais produtos importados pelo país são os derivados do petróleo

A importação de cereais registou um incremento de 38,3% face o ano de 2015

A China tem vindo a aumentar a sua importância em termos comerciais, representando 19,8% do total da importações em 2016.

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

A composição geográfica das importações de bens não tem sido estável nos últimos anos. Saliente-se, contudo, que a importância relativa China tem vindo a aumentar gradualmente ao longo dos últimos anos. Este país ocupa agora a 2ª posição em termos da origem das mercadorias importadas, ou 19,8% do total de importações, equivalente a uma subida de 34,8%, para 88 milhões de USD. A Indonésia, que se tem mantido como o principal parceiro comercial do país, alcançou um peso de 30,7% em 2016, pese embora as importações originárias deste país tenham diminuído substancialmente em 2016 (-28.6%).

Quadro 10. Importações por tipo de produtos

	Milhões de USD			% PIB		
	2015	2016	Var %	Peso	2015	2016
Cereais (10)	21.03	29.08	6.5	1.7	2.3	21.03
Petróleo (27)	125.76	84.72	19.0	10.3	6.6	125.76
Máquinas mecânicas (84)	34.97	44.43	10.0	2.9	3.5	34.97
Máquinas Elétricas (85)	48.01	25.77	5.8	4.0	2.0	48.01
Veículos (87)	72.67	56.89	12.8	6.0	4.4	72.67
Outros	278.32	205.03	46.0	22.9	16.0	278.32
TOTAL	580.76	445.91	-23.2	100.0	47.8	34.8

Porém, a Indonésia tem-se mantido como principal parceiro comercial do país

Fonte: Direcção Geral de Estatística e análise BCTL
Nota: 1 - o número entre parênteses na primeira coluna é o da classe da pauta aduaneira

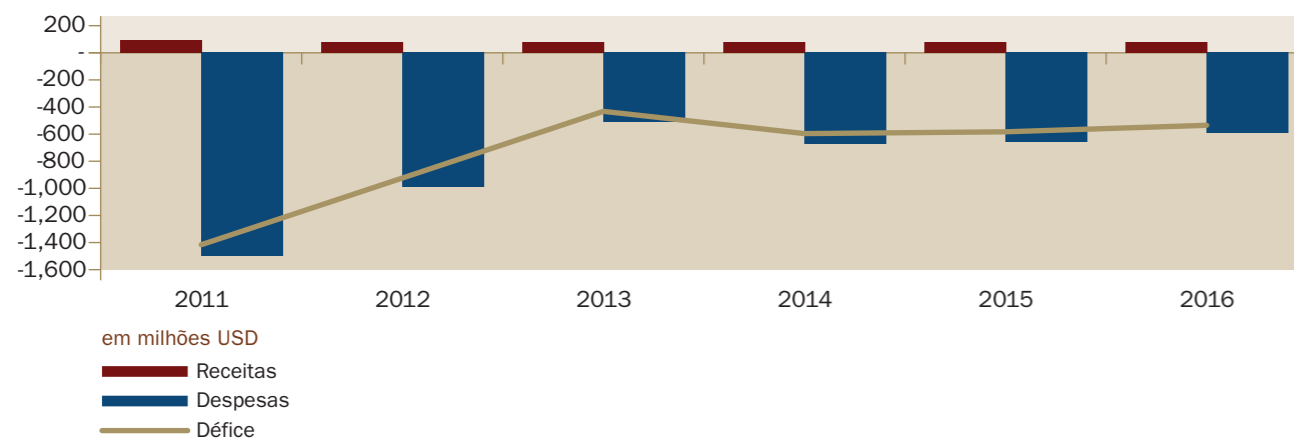
2.5.1.2. Conta Parcial de Serviços

Registou-se um saldo défice de 531,8 milhões de USD na conta parcial de serviços em 2016.

Em 2016, registou-se um saldo défice de 527 milhões de USD para a conta parcial de serviços, uma redução de cerca de 9,2%, equivalente a 53 milhões de USD quando comparado com o saldo de 2015. Segundo o gráfico 22, a redução foi liderada pelos serviços de (i) transporte, com uma melhoria de 11,9%, (ii) de seguros, com uma melhoria de 13,2%, (iii) de telecomunicação e outros serviços (incluindo serviços governamentais), com uma melhoria de 45% e 44% respectivamente. Pelo contrario, o défice externo agravou-se para os serviços de construção em 50,1% e de viagens em 22,7%.

Gráfico 22

Conta Parcial de Serviços



Fonte: BCTL

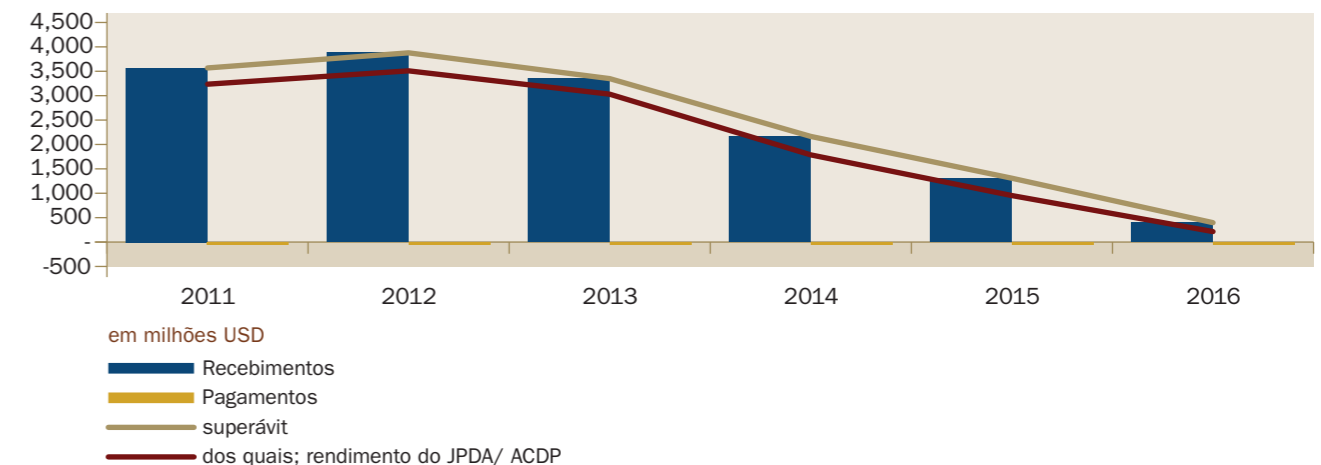
2.5.1.3. Conta Parcial de Rendimentos Primários

A redução dos rendimentos do fundo petrolífero explicou a deterioração do saldo da balança de pagamentos de Timor-Leste

A redução dos rendimentos do fundo petrolífero, as taxas e royalties recebidos da exploração petrolífera no Mar de Timor - a área conjunta de desenvolvimento do petróleo (JPDA) - resultou numa redução substancial do saldo da conta de rendimentos primários. Esta diminuição resultou, por sua vez, na deterioração significativa do saldo global da balança de pagamentos de Timor-Leste. O gráfico 23 evidencia a continuada e substancial redução dos rendimentos da JPDA nos últimos anos, que desceram 77,1% para 224 milhões de USD em 2016, em comparação com os 979 milhões de USD em 2015. O saldo da conta de rendimentos primários ascendeu a 17% do PIB não-petrolífero em 2016, face aos 81% de 2015.

Gráfico 23

Conta Parcial de Rendimentos Primários



Fonte: BCTL

2.5.1.4. Conta Parcial de Rendimentos Secundários

Os rendimentos secundários registaram uma saída líquida de recursos de 1 milhão de USD, em 2016, justificada pela redução dos desembolsos de doações para o apoio directo ao orçamento do estado de 40,3%, para 155,9 milhões de USD, e de uma subida na saída líquida de remessas de trabalhadores de 61,2% para 156,9 milhões de USD.

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

2.5.2. Fluxos Financeiros

A conta financeira registou uma saída líquida de fundos de 595 milhões de USD

No período em análise, a conta financeira, que inclui os fluxos relativos a fontes de financiamento externo da economia, registou uma saída líquida de fundos de 529 milhões de USD, cerca de 41% do PIB não-petrolífero, que corresponde a uma deterioração do défice da conta de 472 milhões de USD. A evolução da conta financeira continua a ser determinada pelos fluxos de investimento de carteira, que registou uma saída total de 704 milhões de USD (mais 553 milhões de USD do que em 2015). A redução do preço do petróleo e da produção petrolífera no mar de Timor, em conjunto com os levantamentos de capital do fundo petrolífero para financiar o Orçamento do Estado, resultaram na diminuição líquida dos activos externos do país em 2016 evidenciada de seguida (quadro 11).

Quadro 11. Importações por tipo de produtos

	Em milhões de USD	
	2015	2016
Conta de Operações Financeiras	28.64	499.48
Investimento directo em Timor-Leste	30.33	-7.19
Investimento de carteira	150.79	704.06
d/q. investimento do FP nos estrangeiros	150.79	704.06
Outro investimento, activos	-163.51	-202.52
Outro investimento, passivos	11.03	5.13

Fonte: BCTL

2.6. Desenvolvimento do Sistema Bancário em Timor-Leste

2.6.1. Estrutura Patrimonial

2.6.1.1. Evolução e Estrutura do Activo

O sistema bancário continuou estável em 2016

O sistema bancário em Timor-Leste manteve-se estável e sólido durante o período em apreço. O sistema bancário continua a ser financiado com base em depósitos, emprestando apenas uma parcela destes recursos a empresas e particulares, pelo que, no seu conjunto, o sistema bancário é superavitário.

Nos quadros e gráficos em baixo, disponibilizam-se um conjunto de informações sobre o sistema bancário do país, o qual era constituído, no final de 2016, por um banco sediado em Timor-Leste — o Banco Nacional de Comércio de Timor-Leste — e três agências bancárias de três importantes bancos, sediados em Portugal (CGD/BNU), Austrália (ANZ) e Indonésia (Mandiri).

Os activos bancários aumentaram cerca de 23,8% face a 2015...

O total de activos do sistema bancário registou um crescimento de 23.8% em finais de 2016 para 1,149, milhões de USD, tendo aumentado 221 milhões de USD em relação a 2015 (gráfico 24). Aquela evolução resultou, sobretudo, do aumento das aplicações efectuadas junto de outras instituições de crédito (34%), mas também do aumento do: crédito (líquido) (6,6%), dos investimentos (352%), dos activos tangíveis (11%) e dos outros activos (53%).

Os activos financeiros cresceram em resultado do aumento dos depósitos, principalmente dos depósitos dos bancos comerciais em Timor-Leste aplicados noutras instituições de crédito no estrangeiro e/ou nas suas próprias sedes no estrangeiro.

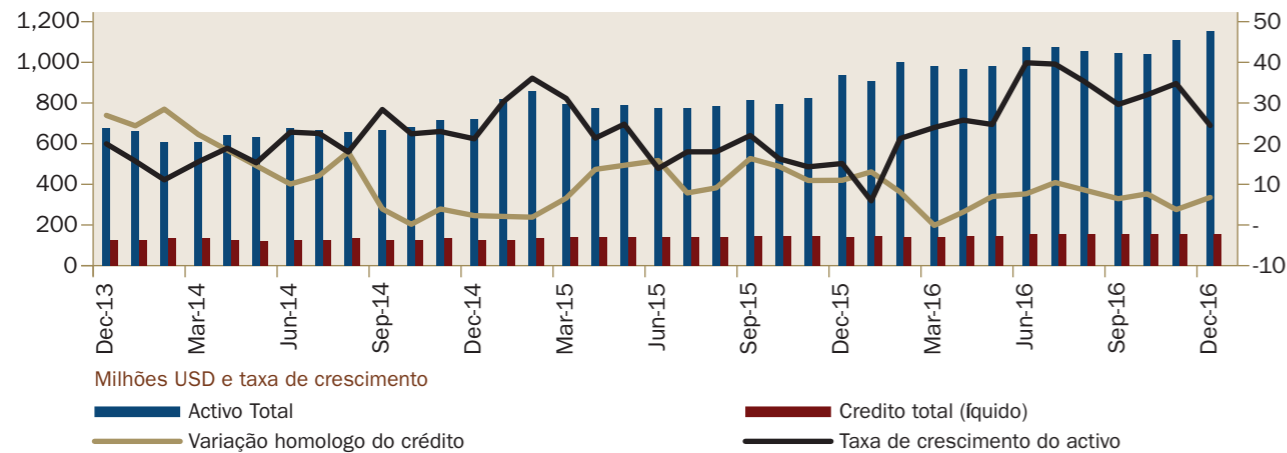
Todavia, os recursos aplicados no Banco Central desceram 14%.

No período em análise, o valor dos activos depositados no banco central desceu 14%, dividido principalmente da redução dos depósitos à ordem do BCTL.



Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

Gráfico 24
Evolução do Activo



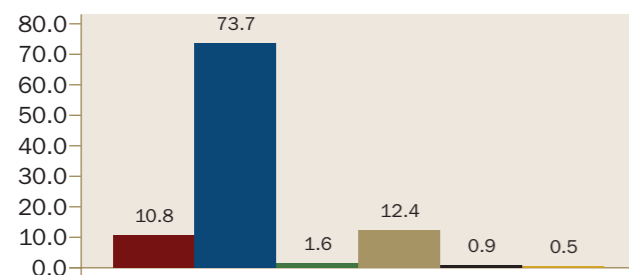
Fonte: BCTL

As aplicações efectuadas noutras instituições de crédito continuam a dominar os activos bancários.

A aplicação de activos junto de outras instituições de crédito continua a dominar a estrutura dos activos bancários, tendo voltado a aumentar o seu peso face ao ano anterior, passando a representar 73,7% (847 milhões de USD) em finais de 2016, contra os 68% (631 milhões de USD) registados em 2015 (gráfico 25).

O crédito passou a ocupar a segunda posição na estrutura de activo, por contrapartida dos activos depositados com o BCTL. Em Dezembro de 2016 o valor global da carteira de créditos bancários ascendeu a 143 milhões de USD, o que corresponde a 12,4% do total do activo patrimonial, tendo registado um aumento de 6,6% face a Dezembro de 2015.

Gráfico 25.a
Estrutura do Activo

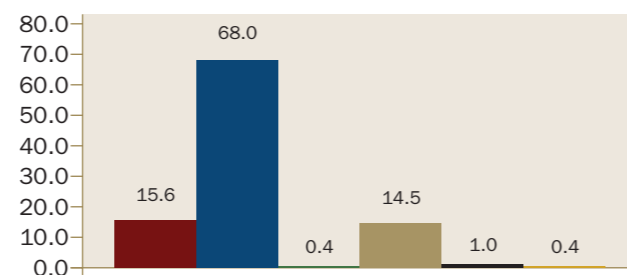


Em % do Total Activo

- Disponibilidades em bancos centrais
- Disponibilidades em instituições de crédito
- Investimentos
- Variação homóloga do crédito
- Activos tangíveis
- Outros activos

Fonte: BCTL

Gráfico 25.b
Estrutura do Activo



Em % do Total Activo

- Disponibilidades em bancos centrais
- Disponibilidades em instituições de crédito
- Investimentos
- Variação homóloga do crédito
- Activos tangíveis
- Outros activos

Fonte: BCTL

As disponibilidades aplicadas no Banco Central de Timor-Leste passaram a ocupar a terceira posição com um peso de 10,8% do total dos activos em finais de 2016, face aos 15,6% alcançados em finais de 2015.

Quadro 12. Estrutura do Activo da Banca Comercial

Em milhões de USD

	Dez-15	Dez-16	Peso	Variação	
				%	Valor
Diponibilidades em bancos centrais	145	124	10.8	-14.2	-21
Disponibilidades em instituições de crédito	631	847	73.7	34.2	216
Investimentos	4	18	1.6	351.6	14
Variação homólogo do crédito	134	143	12.4	6.6	9
Activos tangíveis	10	11	0.9	11.1	1
Outros activos	4	6	0.5	52.7	2
TOTAL	928	1,149	100	23.8.8	221

Fonte: BCTL

Os depósitos continuam a representar a maior fonte de recursos das instituições de crédito

2.6.1.2. Passivo

A captação de depósitos continua a representar a maior fonte de recursos das instituições de crédito, tendo registado um aumento do seu peso no passivo de 1,7% para 79,8% em Dezembro 2016 em comparação com 78,1% em Dezembro 2015 (gráfico 26). Em termos de variação nominal, os depósitos captados pelo sector bancário aumentaram 26,5% face Dezembro 2015.

Em 2016, os recursos obtidos do Banco Central registaram um crescimento de 22,1%, bastante superior ao crescimento registado em 2015 (6,3%), pese embora se tenha observado uma ligeira redução do seu peso no total do passivo, dos 8% de 2015 para os 7,9% em Dezembro 2016. Por outro lado, os depósitos recebidos de outras instituições de crédito³ registaram uma aceleração significativa de 141,6% em Dezembro 2016, face à redução de 24,4% registada em 2015.

³ Revisão do relatório anual de 2015 (pag. 49):

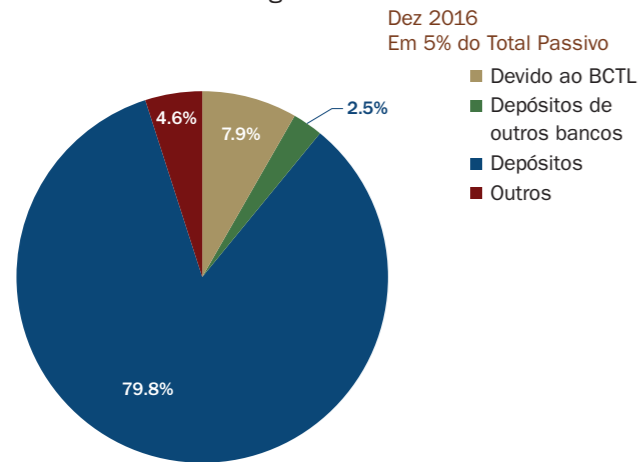
Responsabilidades/Passivo

em milhões de USD

	2014	2015	Peso		Variação (%)	
			2014	2015	2014	2015
Depósitos de outros bancos	15.8	11.9	1.96	1.28	260.4	-24.4
Outros	96.9	74.2	12.03	8.00	38.1	-23.4

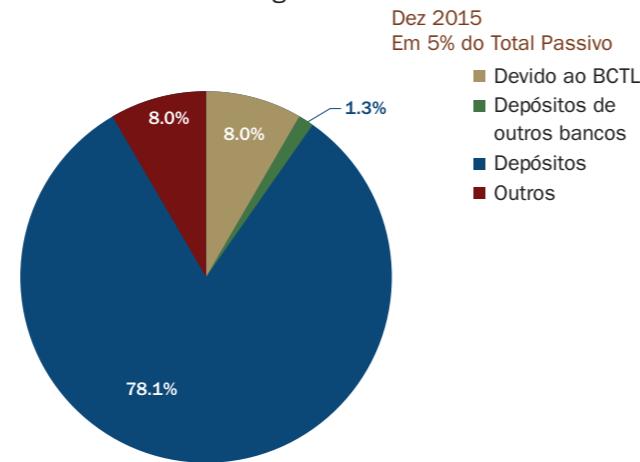
Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

Gráfico 26.a
Estura do Passivo Elegível



Fonte: BCTL

Gráfico 26.b
Estura do Passivo Elegível

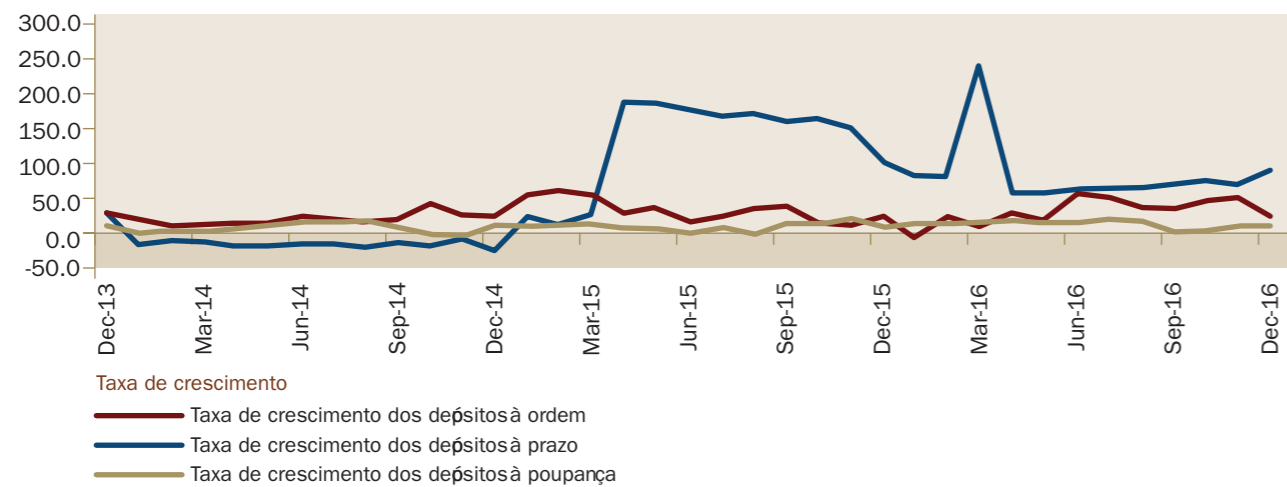


Fonte: BCTL

O crescimento dos depósitos à ordem continuou a acelerar.....

As taxas de crescimento dos depósitos à ordem continuaram a registrar níveis bastante elevados durante 2016, registrando um valor de 24,1% face a 2015. Por outro lado, os depósitos a prazo registaram uma expressiva taxa de crescimento anual em 2016, aumentando 90,4% no final do ano em termos homólogos, tendo mesmo registado um taxa de variação de 246,1% em Março de 2016.

Gráfico 27
Evolução dos depósitos

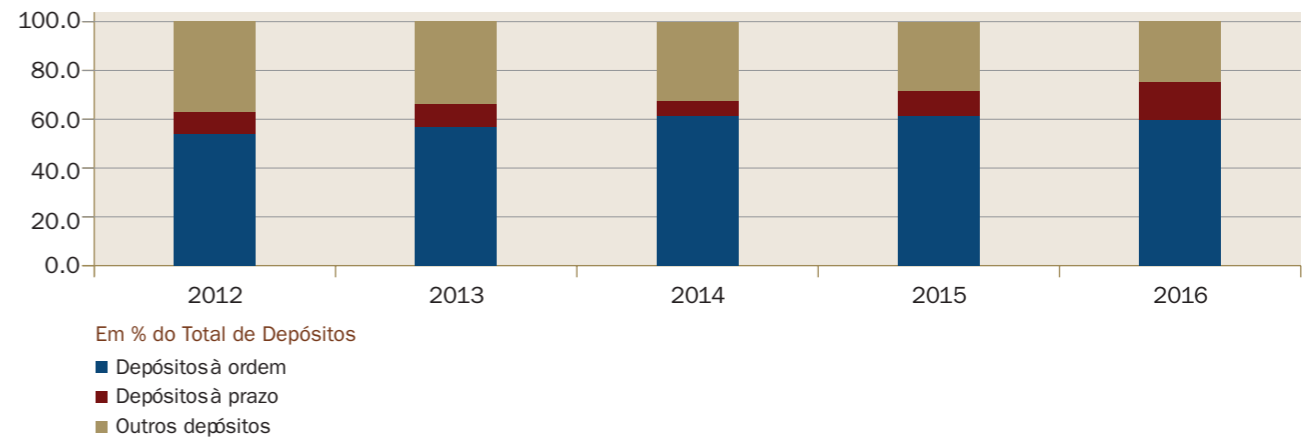


Fonte: BCTL

.... continuando a representar a maior componente do total de depósitos,

A estrutura dos depósitos continua a registrar as tendências registadas nos anos anteriores. Os depósitos "à vista" continuaram a representar a maior componente do total de depósitos, atingindo cerca de 60,5% do total, apesar de terem registado uma ligeira redução face Dezembro de 2015 (61,7%), Os depósitos de poupança representavam, por sua vez, cerca de 24,2% do total de depósitos no final de 2016, face aos 28,1% de 2015. O montante aplicado em depósitos a prazo continuou a aumentar substancialmente, ascendendo a 15,4% do total de depósitos captados, em comparação com os 10,2% do ano anterior.

Gráfico 28
Estrutura dos Depósitos

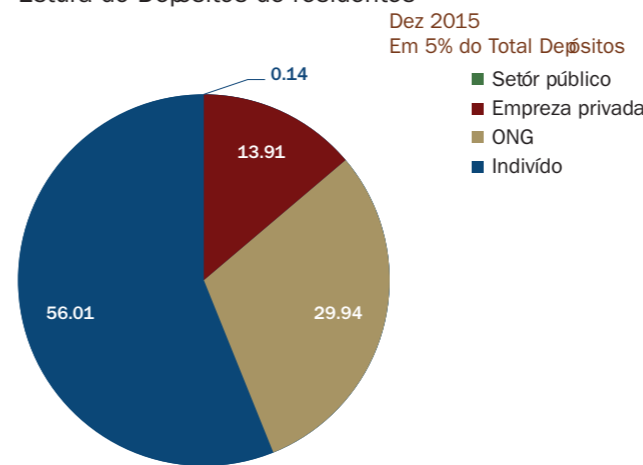


Fonte: BCTL

A estrutura revela que os depósitos de particulares continuam a representar a maior componente dos depósitos captados

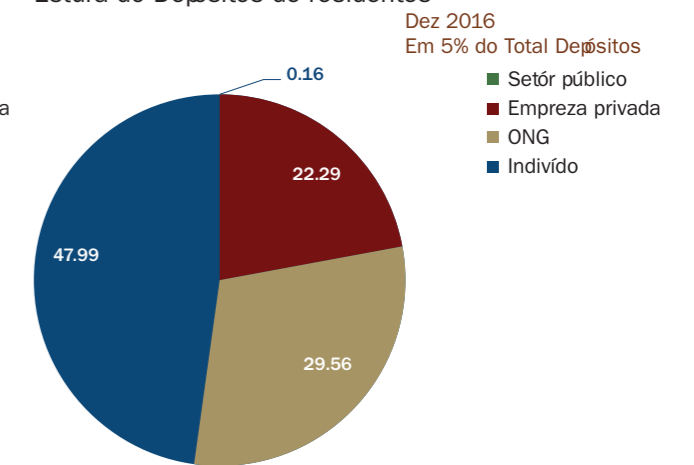
Relativamente aos depósitos detidos por residentes, não houve alterações significativas em termos de composição, com os depósitos de particulares a continuar a representar a maior componente dos depósitos captados, apesar da diminuição da sua importância de 56% em 2015 para 48% do total em Dezembro de 2016 (gráfico 29). Os depósitos de empresas privadas mantiveram a segunda posição na estrutura de depósitos, com um peso de 29,6 (-0,38% face a 2015). Porém os depósitos do sector Estado registaram um aumento significativo, de 102,7% em relação ao Dezembro de 2015. No final de 2016, os depósitos do Estado ascendiam a 204,3 milhões de USD, ou 22,3% do total, o que correspondeu a um acréscimo de 8,4% em relação a 2015.

Gráfico 29.a
Estura do Depósitos de residentes



Fonte: BCTL

Gráfico 29.b
Estura do Depósitos de residentes



Fonte: BCTL

Evolução recente da ECONOMIA NACIONAL

2.6.1.3. Rentabilidade

As receitas dos bancos cresceram 18.7%.

As receitas dos bancos foram constituídas por juros e comissões cobradas aos seus clientes, que ascenderam a um total de 34.9 milhões de USD. Este valor corresponde a um crescimento anual de 18.7%, ou de 5.5 milhões de USD.

Em resultado da sua actividade, os bancos apresentaram os seguintes resultados em 2016 (os valores de 2015 destinam-se a facilitar a comparação):

Quadro 13. Resultados das Actividades Bancárias

	Em milhões de USD	
	Dec-15	Dec-16
Rendimento Bruto	29.43	34.93
Rendimento líquido antes de impostos	7.51	13.21
	0	0
Impostos sobre o rendimento	0.81	1.31
	0	0
Rendimento líquido depois de impostos	6.70	11.89

Rendimento em % dos activos	Dec-14	Dec-15
Juros recebidos de bancos	0.48%	0.73%
Juros de investimentos 'overnight'	0.00%	0.00%
Juros e taxas derivados de empréstimos	1.28%	1.71%
Outros juros recebidos	0.21%	0.32%
Outros rendimentos operacionais	2.84%	2.76%

Fonte: BCTL

O rendimento relativamente aos activos envolvidos (o ROA, ou Return On Assets) subiu para 1,04% em 2016, face aos 0,7% de 2015. O incremento do RoA fica a dever-se sobretudo ao aumento do valor das receitas brutas equivalente a 5,5 milhões de USD. Em termos de determinantes, o aumento do RoA decorreu do aumento das taxas de juro recebidas das aplicações noutros bancos e dos empréstimos em 2016, quando consideradas em percentagem dos activos bancários. Os bancos continuam a manter rácios de liquidez superiores aos exigidos pelo Banco Central.

2.6.1.4. Serviços de Transferência

2.6.1.4.1. Serviços de Transferência de Dinheiro (MTS)

As transferências para o exterior ascenderam a 1.7 bilião de USD.

Durante o período de 2016, os serviços de transferência de dinheiro, reportados pelo os bancos comerciais que operam em Timor-Leste, registaram um total de

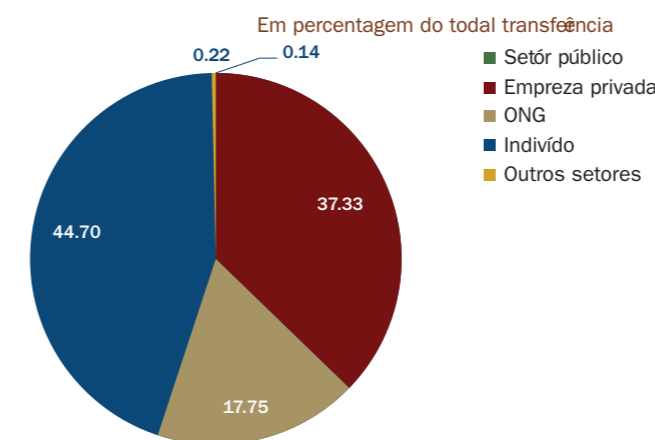
transferências para o exterior de 96,1 mil transações, com um valor nominal de 1.7 bilião de USD, representando um crescimento de 7,7% em relação a 2015. Por seu lado, as transferências provenientes do exterior totalizaram 53,3 mil operações, com um valor nominal de 926,4 milhões de USD, o que representa uma redução de 6% em relação a 2015.

2.6.1.4.2. Operadores de Transferência de Dinheiro (MTO)

Em 2016, este sector registou um valor total de transferências para exterior de 107.7 milhões de USD, enquanto as transferências provenientes do exterior registaram um montante de 41,5 milhões de USD. Estes valores representam taxas de crescimento anuais de 21,4% e 21,1%, respectivamente. Note-se ainda que as transferências pessoais, continuaram a representaram o maior contributo para o crescimento de ambos os tipos de transferência (para e provenientes do exterior). Em termos de destino, a maior parte das entradas foram provenientes da Europa, responsáveis por uma contribuição de 15,8% para o crescimento de 2016. Estes fluxos foram maioritariamente explicados pelo envio de remessas de trabalhadores timorenses a residir e trabalhar na Europa. As saídas de remessas foram, na sua maior parte, encaminhadas para a região da Ásia Pacífico (21,8%), especialmente para a Indonésia (18.4%), que beneficiou assim das remessas de cidadãos indonésios a residir e a trabalhar em Timor Leste.

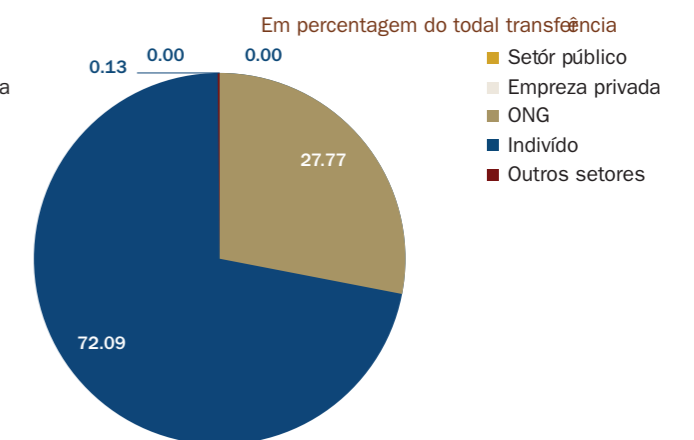
O gráfico 27 apresenta o peso das transferências efectuadas por cada setor por recurso aos operadores de transferência de dinheiro em 2016.

Gráfico 30.a
Transferências para o Exterior



Fonte: BCTL

Gráfico 30.b
Transferências provenientes do Exterior



Fonte: BCTL